

# País vive em recessão e a moratória só irá agravar a atual crise

**Brasília** — O país já está, na prática, em recessão e, com adoção da moratória, caminhará para o agravamento da atual crise econômica. Depois dessa decisão, que significa a admissão de uma crise cambial profunda, o governo será constrangido pelo mercado a fazer uma maxidesvalorização do Cruzado e forçado pelos credores a assinar um acordo com o Fundo Monetário Internacional. Tudo o que o governo mais rejeitou nos últimos 90 dias.

Indicadores econômicos em poder das autoridades econômicas informam que alguns setores, como os dominados por microempresas, já estão despedindo pessoal, por causa da elevadíssima taxa de juros. Além disso, a chamada "demanda especulativa" por bens e serviços já foi completamente removida. Por exemplo: há cerca de dois meses, os consumidores pagavam Cz\$ 250.000,00 por um caminhão — mais o ágio de Cz\$ 150.000,00 — do qual faziam várias encomendas em diferentes filas de revendedores.

Hoje o mesmo caminhão custa Cz\$ 500.000,00 mas há poucos interessados em comprá-lo, porque todo o poder de compra da economia já foi enxugado, além de as pessoas estarem muito mais interessadas em depositar na poupança. O overnight e a caderneta de poupança pagando a inflação média, que resulta em uma taxa de 1% ao dia ou 1.300% ao ano. Os depósitos em poupança aumentaram em Cz\$ 17 bilhões no mês passado e deverão aumentar em igual proporção este mês. Ou seja, a especulação se transformou na grande atração da temporada.

A política monetária é nitidamente restritiva e, apesar dos esforços das autoridades no sentido de transferir recursos para o setor produtivo da economia, esse dinheiro tem voltado imediatamente aos bancos, através de aplicações financeiras nas LBCs e CDBs. O governo dá com uma das mãos e é obrigado a recolher com a outra, por imposição das próprias leis do mercado.

Esse quadro tende a ser agravado pelas duríssimas restrições às importações, que já vêm sendo praticadas há algum tempo pela Cacex. Em alguns Estados do Brasil, já estão faltando produtos ou matérias-primas, como o cloro importado para adicionar a água que é servida à população. O problema não são apenas fortes restrições às importações de matérias-primas importantes para a indústria, e sim o reflexo que isso trás para o comércio, que é um dos setores da economia que mais empregos oferece.

— Todo o interesse de qualquer pessoa bem informada será acompanhar para onde vai o país nos próximos quatro meses. Já se pode prever que não irá para uma situação confortável —, diz um analista que serve à cúpula econômica do governo.

Outra constatação pacífica dos economistas do governo é que dificilmente a crise externa será removida da vida econômica do país sem a adoção de uma maxidesvalorização cambial e do retorno às exigências do Fundo Monetário Internacional. Primeiro porque será necessário privilegiar o setor exportador, encarregado de obter as receitas indispensáveis para o país superar a crise. Em seguida porque, atolado na desestabilização cambial, o governo não conseguirá novos empréstimos a não ser admitindo o mecanismo clássico de negociação do mercado financeiro internacional.

As autoridades tinham conseguido fugir de tal situação graças a uma até então confortável posição das reservas internacionais e saudáveis desempenhos na balança comercial. O quadro de desarranjo das contas externas é a pior coisa que poderia ter acontecido para um governo que estava às vésperas da renegociação global com os credores. Nesse sentido, a moratória foi o desastre dentro do desastre.